O Oriente Médio: o mercado teste do Tio Sam *The Middle East: the test market of Uncle Sam* *Oreiente Medio: el mercado prueba de Tío Sam*

A problemática de uma guerra ou de qualquer tipo de conflito, está diretamente relacionada às atitudes gananciosas dos antagonistas causadores dos problemas, que colocam seus insanos comportamentos de arrogância e egoísmo, à mercê dos vaidosos argumentos vitoriosos das batalhas militares em busca da supremacia de poder. A primeira vítima numa guerra é a verdade – as partes tendem a se vitimizar, punindo as atitudes do oponente, negando veementemente qualquer culpa para esconder a verdadeira causa dos fatos e, através da mídia, redirecionar a percepção do público sobre a imagem negativa de ditadores, mercenários ou invasores. Foi isso que aconteceu na guerra no oriente médio, entre as forças de coalizão anglo-americanas e o Iraque: no jogo de culpas dos conflitos, todos são culpados, até que se prove ao contrário.

The problematic of the war or any kind of conflicts is directly related to the greedy attitudes taken by the antagonists trouble makers, that put it through their insane arrogance and selfishness available to their military struggle victories, looking for the power supremacy. The true is the first victim in the war – both parties have a tendency to victimized their self, punishing the opponent actions, denying vehemently any guilt action in order to hide the true cause of the facts and, through the media, to realign the negative public perception about their image of dictators, mercenaries and invaders. It was what happen in the middle east war among the anglo-american coalizion forces and Iraqui: In the conflicts games of culps, everyone is guilter, until to prove on contrary.

La problemática de una guerra o de cualquier otro conflicto está directamente relacionada con las actitudes de ambición de los antagonistas que causan problemas con sus conductas de arrogancia y egoísmo a merced de argumentos fútiles de las batallas militares que buscan la supremacia del poder. La primera víctima de una guerra es la verdad – las partes se hacen víctima, puniendo las actitudes de los opositores, negando cualquier culpa para ocultar la verdadera causa de los casos y através de los medios de comunicación conduce la percepción del público sobre la imagen de dictadores, mercenarios o invasores. Esto ocurría em la guerra en Oriente Medio, entre las fuerzas de la alianza anglo-americana e Iraq em el juego de los conflictos. Todos son culpados hasta que se diga al contrario.

Palavras-Chave: hegemonia, merchandising, imagem, neoliberalismo, capitalismo.

Autor:

Prof. Marivaldo Teixeira

Professor de Marketing Político e Internacional, Marketing de Produto e Serviços da Universidade Estácio de Sá, Consultor Internacional e de Marketing, Palestrante e Instrutor de Treinamento de Vendas, cursou o mestrado em Marketing Internacional na George Washington University (EUA), Pós-graduado em Metodologia do Ensino Superior (UniverCidade), Mestrando em Educação (Universidade Estácio de Sá). E-mail: marivatex@yahoo.com.br

Introdução:

Sinopse:

Histórico da Supremacia dos EUA e a Substituição de Liderança no Oriente Médio.

Logo depois da descoberta de petróleo no Iraque (1920), a Inglaterra procurou manter sua presença política em território iraquiano, ajudando este país em diversas situações de caráter sócio-econômico, obviamente, para beneficiar-se comercialmente dos preços e assegurar o abastecimento de petróleo. No entretanto, na década de 40, a participação de Roosevelt na 2ª guerra mundial, contra A. Hitler, tendo a Inglaterra como sua aliada, representada pelo primeiro ministro Winston Churchill "Chanceler da Guerra", sedimentou a

imagem de hegemonia militar norte-americana, favorecendo suas intenções dominantes na política externa com o oriente médio, chegando a substituir a liderança inglesa na região, em 1945.

Os EUA Desviam a Atenção do Mundo

Os EUA, em meados da década de 60, presidenciado por J.F. Kennedy, resolveu assumir sua postura conservadora de direita neoliberalista, expandindo sua supremacia bélica através de estratégias políticas, conjugando-as com ferramentas mercadológicas no intuito de segmentar seu mercado e público-alvo, direcionando suas ações militares aos países de regime comunista ou anti-democratas, tais como Nicarágua, Cuba, União Soviética, Coreia e Vietnã.

Vários mecanismos táticos foram criados pelo Pentágono, no sentido de desviar a atenção da sociedade mundial para os regimes comunistas e anti-democratas, enquanto Washington escondia os reais interesses do Tio Sam, tais como:

1. usar países anteriormente mencionados como mercado teste de suas novas armas;
2. usar a mídia internacional como veículo tático mercadológico, para os seguintes fatos:
 - expor sua supremacia militar;
 - divulgar o neoliberalismo norte-americano e suas vantagens competitivas;
 - criar a imagem de defensor do mundo ou xerife da democracia, contra o comunismo;

- utilizar técnicas de propaganda informativa, visando despertar interesses e construir novas percepções sobre a imagem negativa de invasores;

3. redirecionar seu target segundo seus interesses políticos;

4. contratar agentes secretos, ou mercenários, tais como M. Noriega, Bin Laden, dentre outros, para aprofundar pesquisas secretas de cunho político, coordenado pela CIA;

5. monitorar as ações confrontantes de Cuba;

6. construir bases militares no Mar das Filipinas e periferia.

O Perfil Mercenário dos EUA

A paradoxal atitude do Tio Sam e da Tia C.I.A., na década de 70, oferecendo, simultaneamente, apoio econômico, bélico e até fornecimento de material químico ao Iraque e ao Iran, ex-aliado do Tio Sam, se transformou num escândalo internacional, porém, sem nenhuma consequência para a família washingtoniana, que decorrente das pressões adotou a estratégia política de neutralidade, apresentando uma sinceridade falaciosa através da propaganda meramente informativa, visando redirecionar a percepção do mundo daquela imagem negativa de mercenário.

Os Super-Heróis dos EUA

Uma das principais estratégias do marketing norte-americano é a criação de ícones, tal qual super-heróis, aqueles que salvam o mundo das garras inimigas. Todos conhecem as histórias dos super-heróis hollywoodianos, tais como o Super-Homem, o agente secreto 007, o Homem Aranha, os invencíveis personagens de Guerra nas Estrelas, dentre outros, através dos quais o império bilionário da indústria cinematográfica dos EUA foi construído.

É conveniente lembrar do poder hegemônico capitalista do Tio Sam (Uncle Sam), sem esquecer da Tia Avó C.I.A., que, sorrateiramente, sempre tomou decisões radicais quando algo ameaçava a imagem da família ou a colocava em risco. Não podemos deixar também de ressaltar os outros familiares de Boston, doutores harvardianos formados em política interna e externa dos EUA e os primos e irmãos estrategistas washingtonianos especializados em ações militares e tecnologia bélica. Ambos, se transformaram em super-heróis, resultando nos "Falcões do Pentágono", comandados pelo mais poderoso conservador da família G.W. Bush, que, indiretamente, através dos Falcões, também tem interesses políticos em monitorar o quarto poder – a mídia.

Com uma família de super-heróis, tio, irmão e primos poderosos, ficou fácil formar hegemonias políticas, capitalistas e bélicas, que além de tudo tinha a responsabilidade de salvaguardar os interesses da família, protegê-la de todos aqueles mal-aventurados regimes anti-democráticos e anti-neoliberais que, seguindo eles, assolam a soberania deles e a liberdade democrática das nações.

A Influência de Walt Disney no Pentágono

À guisa de ilustração, é conveniente lembrar que as histórias em quadrinhos do Super-Homem, O Fantasma, dentre outros e os personagens de Walt Disney tais como, Margarida, Pato Donald e seus sobrinhos, Mickey e Minnie, Pateta, os Irmãos Metralha e o famoso Tio Patinhas, que inspirou o Tio Sam, todos estão em todos os lugares do mundo, se metem em grandes confusões, mas no final saem como heróis. Acredita-se que isso seja o paradigma do governo norte-americano – criar super-heróis.

A história se repete também na vida real da família washingtoniana, com seus primos, irmãos, tios e agora os Falcões do Pentágono, que há muito tempo simbolizam o poder norte-americano. Será que os super-heróis do Pentágono representam

uma dessas grandes produções cinematográficas norte-americanas em busca do "Oscar"?

O Oriente Médio: A Grande Vitrine da Propaganda Hegemônica dos EUA

Por analogia, as ações estratégicas utilizadas no marketing político do Pentágono, relacionadas às guerras passadas e as mais recentes como os conflitos contra os Yatulás, na década de 80, a guerra do Golfo expulsando Saddam do Kuwait, em 1992, os conflitos no Afeganistão para eliminar os Talibãs e, recentemente, a invasão das forças de coalizão anglo-americanas (EUA e Inglaterra) no Iraque (2003), tiveram como estratégia as ações táticas de marketing através da *propaganda*¹, que certamente contribuiu, aproximadamente, com 50% das "vitórias". Ademais, uma outra ferramenta de marketing – *merchandising*², teve papel relevante, no que diz respeito a técnica de expor os produtos bélicos nas telas, aos olhos dos futuros clientes, com vistas a gerar vendas.

À luz da realidade, após inúmeras pesquisas e experiências nos diferentes desertos do Oriente Médio, a engenharia bélica norte-americana pôde aperfeiçoar sua tecnologia e adaptar os equipamentos bélicos de acordo com as necessidades dos seus diferenciados consumidores internacionais.

A estratégia mercadológica adotada pelos marketeiros do Tio Sam, foi de customização. Primeiramente, identificaram e segmentaram seu público-alvo e nichos, para depois customizá-los, oferecendo o serviço e o produto bélico certo, para o cliente certo, no lugar certo e no momento certo. Depois, atraíram a atenção de todos sobre o funcionamento e sofisticação tecnológica das armas utilizadas em Bagdá, Kuwait, Afeganistão e Israel, expondo todo material bélico nas TVs de todo mundo, tal qual uma vitrine, objetivando promovê-los, negociar e vender o poderio bélico dos EUA para todos. Um dos produtos mais vendidos foi o *míssil patriota*, cuja finalidade era interceptar e destruir, no ar, mísseis ou aviões inimigos. Estima-se que só na guerra do Golfo foram vendidos, aproximadamente, US\$ 20 bilhões, custando cada um cerca de US\$ 1 milhão. Outro fato importante para análise é que as exportações, vendas internacionais, dos respectivos mísseis, não aparecem como crédito na balança comercial do Tio Sam.

A supremacia bélica dos EUA, em 2003, apresentou a todos a precisão e eficácia dos tanques e dos aviões com bombas teleguiadas, criando uma percepção ambiciosa na mente dos mais obstinados por armas. Esta guerra mais parecia um jogo de videogame: fácil resolução, rápido, motivante e caro.

Será que o marketing é um mecanismo cruel que visa apenas lucros e vantagens competitivas de poder, ou será que cruel é a atitude daqueles que usaram estes mecanismos para estes fins?

"O marketing da guerra não é uma batalha de poderes, mas de percepções" (MT)

Al Ries & Jack Trout, em seu livro "As 22 Leis Consagradas do Marketing", enfatiza que a lei da percepção deve ser considerada qual a principal ação de marketing quando se quer atingir a mente do consumidor e ressalta: "Marketing não é uma guerra de produtos, mas de percepções". As intensas propagandas divulgadas pela mídia na guerra do Iraque, criaram na mente das pessoas uma percepção positiva de que tudo que foi visto foi

¹ *propaganda* - "é qualquer forma paga de apresentação impessoal e de promoção de idéias, bens ou serviços por um patrocinador identificado" - Philip Kotler.

² *merchandising* - "ferramenta de marketing cujo objetivo é fortalecer imagens e incrementar vendas, promovendo e expondo produtos, serviços e imagens aos olhos do público interessado" - M. Teixeira.

incrível, grandioso e inesquecível e irreal. Pode-se comparar com o filme do Pernalonga – Roger Habbit – também produzido pelos estúdios de Hollywood, em que a realidade e a fantasia se misturaram perfeitamente, criando em nossas mentes uma percepção ilusória e distorcida da verdadeira realidade.

A respectiva ferramenta de marketing – *merchandising* da guerra – fomentou percepções vantajosas aos olhos dos futuros clientes, imaginando que os sofisticados equipamentos bélicos poderiam satisfazer suas necessidades, protegendo seus territórios das ameaças balísticas de qualquer tipo de inimigo. Segundo fontes jornalísticas da CNN, o *merchandising* da guerra contribuiu para que os EUA vendesse, após a guerra do Golfo, cerca de US\$ 20 bilhões em mísseis patriot, para países do Oriente Médio. Não obstante, a engenharia bélica norte-americana, na guerra do Golfo, teve a oportunidade de testar seus novos brinquedos, os tanques monitorados por computador que, decorrente do excessivo calor do deserto, apresentavam diversas falhas eletrônicas, fato que atualmente foi corrigido.

Qual é a relação de custo e benefício de uma guerra no Séc. XXI? Quanto tempo deve durar uma guerra? “*Time is money*”. Quais são os fatores de risco e oportunidade que motivam, os jogadores antagonistas da guerra a jogar este tipo de jogo? Quem ganha e quem perde?

É difícil aceitar que tudo isso está relacionado ao doentio desejo de poder e ganância pelo dinheiro. Por que o soldado que não feriu, não matou e nem tampouco morreu, não é condecorado qual verdadeiro herói da guerra? Infelizmente, estes soldados imbeles, também não ganham medalhas de bronze, como super-heróis, nas olimpíadas políticas patrocinadas pelo Tio Sam, nem tampouco Oscar de Hollywood, como melhor protagonista.

As Metafóricas e Paradoxais Ações Militares dos EUA

Foi possível observar que muitas pessoas leigas, desinteressadas, humanistas, pacifistas radicais e outras pouco esclarecidas nos assuntos de cunho político-mercado internacional, não perceberam o que estava acontecendo por detrás de todas aquelas cenas de bombardeios e destruição, apresentados ao vivo pela mídia televisada da CNN, BBC, Globo e Bandeirantes, dentre outras.

Somente quem estava no campo de batalha de areia, calor e frio é que sabe o que realmente aconteceu. A mídia norte-americana filtrava e selecionava as cenas para minimizar o impacto das notícias e inibir a opinião pública internacional e, principalmente, a percepção de cumplicidade dos cidadãos norte-americanos de outro genocídio, fato que poderia provocar reações populares negativas à imagem do atual governo dificultando, sobretudo, as ações estratégicas do marketing político dos falcões em busca da reeleição de Bush.

Dentro das previsões otimistas de especialistas internacionais comenta-se que, em se tratando do imenso bombardeio das tropas norte-americanas e inglesas a Bagdá, comparado com outras guerras, considerou-se que o número de perdas de ambos os lados foi insignificante. Mas, como pode ser insignificante uma vida ou mil?

Noam Chomsky comenta sobre a obsessiva política estratégica dos EUA no Oriente Médio, ressaltando o pensamento do Departamento de Estado: “estas ações são uma fonte estúpida de poder estratégico e um dos maiores prêmios materiais da história do mundo”.

Al-Sahaf, o Humorista da Guerra.

O porta-voz do regime ditatorial iraquiano, Mohammed Said Al-Sahaf, transformou-se num dos maiores cínicos do mun-

do árabe, levando diversos internautas, como Jim Jonas e o britânico, Paul Goodmaker, a criarem Web sites humorísticos com frases de Al-Sahaf, tais como: “We love The Iraqi information Minister”; “Seus infiéis estão se suicidando às centenas nos portões de Bagdá”; “Tudo está bem!”; “Não prestem atenção nos tanques e nos bombardeios”; “Deus assará os seus estômagos no inferno”; “Os tiroteios ao redor, não passam de um golpe de mídia”, esta frase fazia referência ao filme “Mera Coincidência”, com Dustin Hoffman – 1997 – onde um presidente norte-americano simula uma guerra através da mídia para desviar a atenção do povo de um escândalo. Goodmaker criou um site sobre Al-Sahaf, colocando a foto dele e a frase “estamos em controle” numa camiseta, recebendo em dois dias, 4 mil encomendas.

A Mídia dos Países Árabes.

Observou-se que a TV árabe – Al Jazira – recebeu elogios pela excelente performance jornalística com a maioria das imagens sem cortes e filtragens, mostrando o outro lado da destruição que as TVs ocidentais não mostraram. Por causa disso, esta emissora recebeu cerca de 8 milhões de novos telespectadores, a maioria europeus, e muitos milhões de US\$, sendo considerada como a melhor emissora de telejornalismo do Oriente Médio. Segundo declarações da mídia árabe, Al-Sahaf recebeu convites das emissoras de TV do Oriente Médio para trabalhar como comentarista político e até abrir seu próprio canal de TV. Por que aqueles que mostram o sensacionalismo do lado mais trágico, cruel e desumano ganham prêmios e, além disso, por que a maioria das pessoas se interessa tanto pela desgraça alheia? Será que estão realmente à procura da verdade? Mas como, se a verdade pereceu logo no início da guerra?

Os Movimentos de Expansão Política, Econômica e Bélica dos EUA

Sinopse sobre o capitalismo e o neoliberalismo

A energia que o dinheiro emana dentro da sociedade materialista em que vivemos faz com que o ser humano seja ao mesmo tempo colaborador, competidor e o principal protagonista e antagonista do capitalismo. Será que é por causa deste sentimento de posse e de poder, o homem vai à procura das conquistas e vitórias insanas da guerra?

Seria conveniente comentar sobre as políticas neoliberais norte-americanas, da sua hegemonia capitalista e de suas vertentes mercadológicas. Voltando na história, em meados do séc. XVII, o economista escocês Adam Smith, precursor das teorias capitalistas, apresentou em seu livro, “A Riqueza das Nações, em 1776”, o funcionamento e os conceitos relacionados ao proveito próprio. Smith também escreveu, nesta época “A Teoria dos Sentimentos Morais”, onde ressaltava os instintos de cooperação mútua dos homens e a necessidade destes em saber conviver com o capital de forma cooperativa em busca do progresso de todos.

O capitalismo é um dos mais primitivos instintos e interesses básicos do homem, no qual defende a necessidade de se expandir sem limites. Seria utópico desconsiderarmos a existência do dinheiro para nossa sobrevivência, jogando fora todos conceitos de custo, preço, riscos, lucros e prejuízos. Obviamente, que este sistema envolve contínuas transações de caráter mercantilista, fomentando sentimentos de injustiça e insatisfações quando as partes não obtêm os mesmos resultados.

Alguns estudiosos comentam que o neoliberalismo é fruto do capitalismo moderno, onde teoricamente, o estado se colo-

ca numa situação cômoda, participando apenas de alguns setores da sociedade que lhe convém, estimula a livre concorrência, ou regime de economia de mercado, deixando o risco para os mercantes, interferindo apenas quando for questionado ou requisitado a decidir no âmbito do legislativo e judiciário, ou seja, se nacionaliza os lucros e se privatiza os prejuízos.

É dessa forma que os EUA e outros países capitalistas atuam, tendo por influência a excelência competitiva da maximização dos lucros, através da globalização e, por conseguinte levando ao monitoramento sócio-cultural dos terceiromundistas.

Visão da sociedade internacional sobre os fundamentos capitalistas

Uma visão capitalista enfoca que tão logo os acordos internacionais sejam refeitos e haja uma expansão monetária mais eficaz, o capital e a liberdade democrática contribuirá significativamente, tanto para os países em desenvolvimento e emergentes quanto para os países primeiromundistas, que desejarem ingressar na era da globalização. Estes países poderão alcançar sua expansão sócio-política-econômica, tendo a oportunidade de vetar as decisões unilaterais da hegemonia dos países primeiromundistas, bem como as ações multilaterais de Washington em relação aos organismos internacionais como Banco Mundial, ONU, FMI e OMC, que atuam sob o paternalismo norte-americano.

Há uma percepção paradoxal sobre hegemonia dos EUA, em se tratando de que o país não poderá mais suportar e manter as consequências do desprezo aos tratados internacionais. Por outro lado, o vaidoso Pentágono acredita que a sua supremacia militar e capitalista, bem como seu comportamento neoliberal, tornou-se essencial para manter a paz, a corrente do livre-comércio e o fluxo de capitais no mundo.

Por analogia, podemos dizer que a referida retórica capitalista norte-americana está, diretamente, relacionada com o exemplo de que é melhor ter um tio rico e um irmão poderoso por perto, nas horas de crise, do que estar sozinho. O fato é que depois que o tio e o irmão resolvem o problema dos membros da família, eles também se sentem poderosos e inatingíveis. No entanto, caso a família num outro momento não receba apoio dos poderosos familiares, ela se revolta contra eles e tenta de alguma forma se vingar, tomando atitudes radicais extremistas e aterrorizadoras. Será que este exemplo serve para os antagonísticos mercenários e terroristas?

A Expansão Hegemônica dos EUA

Voltando à década de 60 e 70, foi possível verificar que surgiram nos EUA, diversos movimentos expansionistas e dentre eles podemos citar: as ações anti-racistas de M. L. King, protagonizadas também pelo então presidente J. Kennedy, ambos assassinados por grupos radicais de direita conservadora e, dizem alguns historiadores, com a participação da Tia C.I.A.; revolução feminista e sexual norte-americana; mudança do foco de expansão econômica industrial para serviços, tendo como estratégia a exportação dos serviços e do capital; a política de hegemonia bélica que se expandiu durante a Guerra Fria, sob a "ameaça comunista", que levou cerca de 20 milhões de pessoas a morrerem na Coreia, na Nicarágua, sendo o Vietnã a mais trágica delas, onde os EUA experimentam o produto químico Napalm, envenenando e queimando milhares de civis vietnamitas.

Na década de 80, houve a participação dos EUA na guerra entre os Yatomas iranianos e a tirania de Saddam. A partir de 1990, surgiu a interferência norte-americana na Guerra do Golfo expulsando Saddam do Kuwait. Já no início do século XXI, crescem os

movimentos radicais revolucionários, aumenta o número de alguns grupos fanáticos de religiosos islâmicos e o surgimento de diversas atividades terroristas que resultaram no trágico 11 de setembro, fomentando por efeito causal, outra decisão radical: a retaliação dos EUA ao Afeganistão e Iraque. Recentemente, em meados de 2003, houve outra intervenção dos EUA no regime político de outros países; desta vez foi na Venezuela, resultando num golpe fracassado contra o presidente Hugo Chávez.

Visão da sociedade internacional sobre os fundamentalistas da direita dos EUA

A atuação militar norte-americana atingiu o clímax na guerra contra o Iraque, na qual foi exibido, através da mídia, o poder de fogo da supremacia bélica e capitalista à moda americana. Como a direita estadunidense de G. W. Bush irá usar todo esse poder, impondo seus valores neoliberalista e capitalistas perante a Comunidade Internacional? Como a vaidosa soberania-Bush irá articular sua estratégia política, redirecionando, provavelmente com veemência, a imagem negativa dos mal-aventurados sufrágios de apoio aos grupos radicais, escondendo ou encobrindo os falsos super-heróis comunistas, terroristas e anti-neoliberalistas, que protegiam enquanto havia interesse de mantê-los como aliados? Como lidar com aqueles grupos radicais que se tornaram antagonísticos à Política hegemônica dos EUA, tão logo perderam o apoio financeiro dos tios poderosos do Pentágono?

Diversos cientistas políticos internacionais, dentre eles o editor chefe da revista "The Economist" – Bill Emmott – comenta que a direita norte-americana está preocupada com os efeitos e as ameaças de sua supremacia, exigindo dos *falcões* soluções imediatas para coibir as manifestações radicais de alguns religiosos islâmicos, às reações humanistas e pacifistas internacionais e a ação da esquerda contrária às reformas políticas no mundo árabe, que começa pelo Iraque.

É possível perceber que o Iraque poderá se tornar uma espécie de vitrine, ou uma porta de entrada no Oriente Médio, para futuras estratégias políticas que também objetivam minimizar o conflito entre Israel e Palestina. Caso isso aconteça a imagem negativa dos EUA perante a comunidade internacional se transformaria, podendo surgir um sentimento de credibilidade e apoio do mundo árabe ao neoliberalismo dos EUA. A partir desse ponto seria possível desenvolver táticas mais eficazes para se atuar com segurança em outras áreas. Comenta-se que a idéia de democratização do mundo árabe é uma utopia decorrente do perfil religioso, étnico e o histórico milenar dos clãs, bem como suas práticas políticas em toda região. Todavia, é possível que os estúdios de Walt Disney criem um super-herói iraquiano, criado na Flórida, que conseguirá salvar o mundo árabe e mudar o paradigma entre o eixo do bem e do mal.

No que se refere às escolas políticas conservadoras, radicalistas e/ou fundamentalistas de nossa história, podemos perceber que seus seguidores estudaram na mesma cartilha dos atuais governantes e terroristas.

Ressalta-se que o primeiro ministro inglês Tony Blair, com exceção da idade e da forma física, tem a mesma retórica do Chanceler da Guerra – Winston Churchill (eleito primeiro ministro com 65 anos, pelo Partido Conservador, 10/5/1940), usando pensamentos parecidos aos de Churchill, para expressar a sua "determinação e certeza da crença em si próprio para o exercício da mais elevada função pública da Inglaterra". Assim como Churchill, Blair, tomado pelo impulso num de seus discursos no parlamento inglês, utilizou-se de um pensamento do

seu antecessor: "Tudo caminha para uma difícil tarefa, mas estou interessado e preparado para tentar".

O atual presidente dos EUA, George Walker Bush, deu continuidade àquilo que seu pai iniciou na Guerra do Golfo (1992), uma espécie de falsa obsessão em exterminar Saddam e democratizar países árabes. É óbvio que há outros sentimentos capitalistas e intenções petrolíficas por detrás de tudo disso.

Por exemplo, os membros da Al Qaeda e outros grupos fanáticos possuem o mesmo poder dominante e aterrorizante que tinham os comunistas, nazistas e fascistas do século passado. A diferença é que os atuais terroristas muçulmanos são petro-bilionários e estão sediados na Jordânia, Líbano e Afeganistão.

As estratégias políticas, suas táticas, seus motivos e os porquês?

Urge que sejam percebido nos conflitos e ações de guerra quais são os reais motivos que levam determinadas nações a invadirem outras. Por que a constante busca de se construir armas de destruição em massa? Por que utilizar a tecnologia para destruir e não construir? Por que destruir com bombas tantos anos de civilização em apenas algumas horas? Por que os acordos feitos entre as nações e a ONU não são respeitados? E agora, que faremos com a ONU? Como proteger as crianças e todos aqueles títeres indefesos feridos e abandonados pelo descaso? Por que Bagdá é repleta de galerias e abrigos subterrâneos? Por que os homens precisam matar uns aos outros por motivos medíocres de poder, ganância, orgulho e pelo dinheiro, se nada nos pertence? Por que os homens continuam fazendo discursos em mesas redondas, com pensamentos rudes e atitudes tão quadradas?

Tudo isso nos faz pensar, refletir e questionar qual a verdadeira razão de todos esses comportamentos conflitantes e quais foram os verdadeiros motivos que levaram os homens a elaborar todas essas estratégias e táticas mercadológicas destinadas à guerra. Algumas perguntas nunca terão respostas plausíveis, nem tampouco justificativas ou explicações, ou quiçá uma verdade. É preciso refletir, enxergar, ao invés de somente ver o que está acontecendo no mundo. É preciso ter visão holística. É preciso apreender os "quês" e os "porquês" do desejo que os homens têm pelo poder. O porquê da insana obsessão pela posse e o domínio material e até mesmo o desejo de dominar o pensamento do outro, fato que alguns chamam de vampirismo mental, ou seja, exigir que o outro pense igual a você.

Reflexões sobre a guerra entre o Iraque e os EUA

A visão da política internacional sobre a atitude dos EUA de invadir o Iraque está relacionada aos seguintes tópicos:

- os EUA entraram na guerra do Golfo (1992) para proteger o Kuwait da tirania de Saddam Hussein, expulsando-o do território kuwaitiano com vistas a defender a ordem e a democracia? ou foi apenas para assegurar e proteger seus interesses no petróleo, fazendo deste conflito uma vitrine para seus produtos/serviços de lucros bilionários?

- os EUA invadiram o Iraque, utilizando o critério de ataque preventivo, visando destruir ou prender Saddam, derrubando em seguida o regime fascista e tirano do líder iraquiano, em prol da democracia e dos direitos humanos? ou foi...

- uma vingança do dia "D", 11 de setembro de 2002, conjugado com o alibi de que o Iraque tinha armas de destruição em massa, e que não estava respeitando a resolução 1441 da ONU? ou será que a intenção era...

- utilizar o Iraque como se fosse mercado teste de suas novas armas sofisticadas? ou...

- desenvolver a estratégia política de neutralidade, redirecionando a imagem negativa de mercenário perante a comunidade internacional, com respeito ao apoio e venda de armas e químicas para o Iraque e Iran, e apoio a Noriega? ou foi porque ...

- o Iraque protegia grupos terroristas relacionados ao grupo terrorista Al Qaeda e Osama Bin Laden? ou as verdadeiras razões foram...

- reestruturar o país, implantando um regime democrático administrado pelo povo iraquiano, sem a interferência de nenhum tipo de regime imperialista? ou ...

- fixar quatro bases norte-americanas no Iraque, para poder dar continuidade às estratégias hegemônicas capitalistas e bélicas no Oriente Médio, visando inibir uma possível ameaça competitiva do bloco europeu e desaquecer o fortalecimento do euro em relação ao dólar? ou o objetivo era...

- fixar-se no Oriente Médio para proteger os interesses políticos de Israel, estando esperançosos de amenizar os conflitos deste país com a Palestina para construir credibilidade perante a comunidade árabe? ou quem sabe ...

- assegurar diversos acordos comerciais e estratégicos com o governo de transição iraquiano, oferecendo em troca apoio aos feridos da guerra e reconstrução do país? ou...

- conseguir exclusividade sobre a reconstrução e distribuição de água na região, para retirar seu concorrente, a França, que já investira milhões de dólares na industrialização e distribuição de água potável? ou...

- oferecer empréstimos ao novo governo iraquiano para a estruturação das bases monetárias, políticas, educacionais e sócio-econômicas do país? talvez fosse...

- extinguir o embargo econômico ao Iraque, perante a ONU, assegurando a distribuição e exportação do petróleo para compensar os prejuízos da guerra?

- estender o neoliberalismo político, econômico e educacional através do FMI e Banco Mundial, criando mecanismos de bom desempenho sócio-cultural? ou...

- será que há uma visão futurista, em que os EUA se sentem ameaçados pelo Mercosul, ALCA e CE, e desejam criar e participar de um futuro bloco econômico dos países árabes, para minimizar essas ameaças? ou será que...

- os EUA pretendem manter sua hegemonia econômica e militar no Oriente para poder competir com as possíveis ameaças de futuros concorrentes? ou quem sabe...

- inimigos, tais como: China, EU, Rússia, Índia e até mesmo o Brasil? talvez...

- já existisse, há muito tempo, um plano para destruir Saddam, mas fracassou, e invadir o Iraque tornou-se uma questão de honra da CIA e dos falcões do Pentágono, determinado pela família Bush.

Fica uma pergunta para se refletir:

- será que estamos diante de um xerife do mundo, de um outro país anglo-saxão de direita radical, ainda mais imperialista do que a Alemanha Hitleriana, que pela hegemonia capitalista e bélica pretende impor suas regras democráticas, capitalistas e neoliberais, não respeitando acordos internacionais, além de determinar constantes ações protecionistas e de embargos econômicos contra certos países que não os apoiam e, por fim, ainda adotam critérios unilaterais no âmbito mundial?

Visão internacional sobre o regime político de Saddam:

- por que Saddam Hussein e seus assessores estavam iludindo o povo, enfatizando que não haviam sido dominados en-

quanto as emissoras de TV, em todo mundo, mostravam os bombardeios destrutivos e indefensáveis?

- será que a intenção era expor os cidadãos iraquianos à morte, treinando-os para serem bombas e escudos humanos em prol de uma causa perdida? ou...

- será que a intenção era apenas vitimizar o povo, e egoisticamente, proteger os interesses daninhos de Saddam?

- por que Saddam racionava água e limitava os ganhos do seu povo, enquanto os membros de seu governo esbanjavam água e dinheiro com supérfluos?

- por que Saddam tomava para si todo o lucro do país, transferindo bilhões de dólares para diversos países, através de empresas fantasmas?

- por que Saddam, na década de 80, expulsou as multinacionais de petróleo do Iraque, após as empresas terem construído toda a estrutura de prospecção e refino de petróleo, tomando para si todo o controle do mesmo?

- será que o caráter ditador e sanguinário de Saddam foi o que o levou a assassinar o presidente do Iraque, na década de 70, depois tomar o poder e mandar matar todos aqueles que estavam contra ele?

- será que Saddam tem alguma doença incurável que alimentava sua malevolência?

- considerando que o preço de 1 litro de gasolina no Iraque custa, aproximadamente, US\$ 0,02 centavos, sendo que cerca de 70% de sua produção é exportada, competindo com os maiores produtores de petróleo do mundo Arábia Saudita e Kuwait, por que o povo iraquiano é tão pobre?

- por que Saddam não pagava suas dívidas, sendo considerado um dos maiores caloteiros do mercado internacional?

- quais eram as reais intenções, estratégias e programas de governo de Saddam, além do comportamento mercenário?

Fica uma pergunta para refletir:

- será que a invasão do Iraque e a tomada do poder de Saddam, de forma brusca e arrasadora pelas forças de coalizão anglo-americanas, mesmo desrespeitando o Conselho de Segurança da ONU, foi uma atitude correta? podendo até ser caracterizada como bravura e coragem, e que na próxima década os xiitas, sunitas e curdos, bem como os outros clãs iraquianos, seus vizinhos árabes e toda comunidade internacional vão agradecer aos invasores ocidentais por isso, e ainda aclamá-los como os reais super-heróis hollywoodianos?

Quem é que não precisa de um amigo, primo ou tio poderoso?

Historicamente o Tio Sam sempre fez questão de ter a imagem daquele tio super-herói que sempre "ajuda" seus sobrinhos e vizinhos naquelas causas que lhes interessam e, sorrateiramente, utilizam suas estratégias de monitoramento e democratização do processo político e sócio-econômico das nações, contribuindo com apoio financeiro, comercial e até militar, se necessário, para os países parceiros.

O dia "D" que o mundo mudou

Aconteceu após o atentado de 11 de setembro de 2002, quando os seguidores fanáticos de Osama Bin Laden invadiram os EUA, destruindo o símbolo do capitalismo do Tio Sam, ameaçaram o Pentágono e ainda afetaram a economia do país. Esta estratégia fez com que a direita conservadora dos EUA entrasse novamente em cena, transformando seus protagonistas diante das telas de TV, com super-heróis - "Os Falcões do Pentágono". Independente da atitude imperdoável dos terroristas da Al Qaeda, é possível entender o motivo de tanta indignação por parte do povo

norte-americano: eles não estão acostumados a serem atacados dentro de casa, principalmente, quando subestimam a segurança nacional, e o pior, sem a utilização de qualquer tipo de armas e bombas. Este fato desagradável mudou o mundo e os paradigmas da civilização. O porta-voz norte-americano, o secretário de estado Colin Powell, deixou clara a vitimidade do povo norte-americano. Agora existe alibi, com suposto apoio internacional, justificando toda fome de vingança interminável contra todos os grupos terroristas e seus patrocinadores, ressaltando que o pentágono esperava pelo momento de mostrar, novamente, ao mundo a hegemonia bélica e capitalista dos EUA.

Os bruxos terroristas ainda estão soltos

A caça aos bruxos terroristas, após 11 de setembro, iniciou-se pelo Afeganistão, afastando o povo do jugo Talibã. Aproveitando que a caça ao Bin Laden era ao lado do Iraque, os Falcões chegaram à conclusão que deveriam pegar o outro bruxo, Saddam, mesmo sem autorização da ONU. Os Falcões estavam alegando haver armas de destruição em massa em poder de Saddam Hussein e que o regime imperialista deste escravizava seu próprio povo, além de apoiar grupos terroristas.

Por ironia do destino, o Iraque, antigo parceiro e aliado mercenário da Casa Branca, acabou ajudando a família Bush, seus parentes de Washington e os Falcões do Pentágono a terem a oportunidade de se consagrarem como verdadeiros xerifes internacionais, além de ter fortalecido ainda mais a imagem daqueles super-heróis hollywoodianos salvadores do mundo das garras inimigas e dos regimes imperialistas ou anti-democráticos. Ademais, Saddam não imaginava que o humorismo de Al-Sahaf acabaria oferecendo ao inimigo a oportunidade de incrementar suas estratégias políticas de supremacia, através das ferramentas mercadológicas da propaganda e publicidade internacional, ao vivo e em cores.

Convém ressaltar, que a reconstrução do Iraque vai custar para os cofres do povo iraquiano cerca de US\$ de 400 bilhões, ou seja, aproximadamente, cinco vezes mais do que se gastou na guerra. Medidas já foram tomadas junto à ONU, para se extinguir o embargo econômico contra o Iraque, fazendo com que parte da dívida de reconstrução seja paga por intermédio dos contratos bilionários de exploração e exportação de petróleo, uma espécie de *counter trade*.

Conclusão

As guerras sempre foram e serão palcos e vitrines, onde vaidosos têm a oportunidade de expor seus produtos, serviços e imagens à disposição do público internacional, suas presunçosas falácias eleitorais, escondendo e distorcendo os fatos com veemência, para eliminar a verdade. Conta a história, que Hitler queria saber como convencer as tropas SS a se comprometerem com a hegemonia ariana do III Reich e Churchill respondeu: "Conte uma mentira cem vezes, que ela acabará se tornando verdade".

Agora é possível afirmar que a verdade é a primeira vítima de uma guerra. Assim sendo, os comentários apresentados nos veículos de comunicação sobre os conflitos ocorridos na recente guerra entre o Iraque e as forças de coalizão anglo-americanas são notícias, pois as informações sempre estarão na mão da eminência parda dominante. Foi o caso da mídia dos EUA e do Iraque. Muitos acontecimentos divulgados pela TV ocidental, sofriam cortes, dependendo do fato, mas na maioria das vezes só apresentava aquilo que valorizava a supremacia bélica norte-americana, evitando mostrar tragédias e baixas de ambos os lados, para não criar imagens ne-

gativas genocidas na mente de todos. O Tio Sam foi cauteloso em não divulgar para o povo norte-americano aquilo que denegria a vaidade estadunidense, para não ameaçar o poder da família washingtoniana e influenciar negativamente na reeleição de Bush. O povo precisava vê-lo como super-herói e não apenas como vencedor.

Por outro lado, a mídia iraquiana fazia questão de mostrar as vítimas iraquianas dos bombardeios, que eles mesmos colocavam à frente dos pontos estratégicos como escudos humanos suicidas. Outros fatos incoerentes e desumano da assessoria de imprensa do governo iraquiano foram os comentários sarcásticos, cínicos e falaciosos que os porta-vozes de Saddam faziam, encorajando os cidadãos através do rádio e TV, que continuassem combatendo as forças inimigas, alegando força e superioridade, prometendo prêmios de até US\$ 100 mil para quem derrubasse aeronaves dos EUA, US\$ 5 mil para quem prendesse soldados inimigos vivos ou mortos. Estava claro que Saddam estava pouco interessado em proteger "seu povo", mentindo e colocando a todos numa situação suicida.

A falácia de alguns países europeus

Convém ressaltar que a mídia internacional deixou de comentar as razões pelas quais França, Alemanha, Rússia e China vetaram a iniciativa de invasão dos EUA no Iraque. Estes países têm interesses políticos e financeiros no Iraque, e caso fossem a favor dos EUA, Saddam cancelaria os contratos e eles perderiam os US\$ bilhões já investidos naquele país. A França, por exemplo, investiu alguns US\$ milhões na construção, industrialização e distribuição de água na região, visando futuramente atender aos países vizinhos do Iraque. A China tinha contratos milionários de mísseis, tanques e armas. Por que estes países não estão reivindicando seus créditos perante a ONU e junto ao povo iraquiano? Talvez todos tenham medo de ressuscitar a verdade?

O jogo de culpas

É possível saber quem são os culpados pela tragédia desta guerra, considerando os seguintes fatos: as atitudes dos governantes mercenários que passaram pelos EUA; a recente força de coalizão anglo-americana que não respeitou os acordos internacionais; os grupos terroristas cúmplices e parceiros de Saddam; o silêncio de todos os supostos inocentes que participaram das negociações com Saddam, recebendo benefício em proveito próprio; os EUA, os países europeus, dentre outros que venderam armas e material químico para o governo iraquiano; Hanz Blix, chefe dos inspetores de arma da ONU e a própria ONU, que não deveriam ter saído do Iraque, forçando os EUA a recuarem, exigindo uma conclusão política pacifista de âmbito internacional, conforme acordado em Genebra e pelo Conselho da ONU. Saddam e seus assessores mercenários perderam a oportunidade de salvar o povo iraquiano das atrocidades da guerra, e quem sabe terem sido aclamados como super-heróis do mundo árabe, tendo a oportunidade de tirar a população da pobreza material, intelectual e espiritual que viviam.

Apesar de ser possível identificar alguns culpados desta guerra, acredito que somente o tempo poderá ressuscitar a verdade que ficou destruída na história. E aí quem sabe os mercenários, os fanáticos terroristas, os ditadores e os super-heróis de Washington deixarão de existir, fazendo com que a guerra seja para conservar a paz, sem a necessidade obsessiva pelo poder e pelo dinheiro, pois não poderemos levá-los para onde vamos.

Referências Bibliográficas

- KOTLER, Philip. *Administração de Marketing*. São Paulo: Editora Atlas, 1999.
LEWIN, Ronald. "Churchill, O Lorde da Guerra". Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1973.
LEGRAIN, Marc e MAGAIN, Daniel. *Relações Públicas nas Pequenas e Médias Empresas*. São Paulo.
RIES, Al e TROUT, Jack. *As 22 Leis Consagradas do Marketing*. São Paulo: Editora Atlas, 2000.
Outras fontes de consulta:
Revista VEJA (5-6-2002). *Entrevista com a Embaixadora norte-americana Donna Hrinak*.
Tele Jornalismo da GNT, TV Globo e CNN (mês de março e abril):
Entrevista com o Prof. de Relações Internacionais Luís Fernandes (PUC - RJ) - TV GNT.
Entrevista com o Economista, PHD, Bill Emmott, Diretor da Revista "The Economist" (EUA) - TV CNN.

Artigo enviado em 20/04/2003, aceito em 12/06/2003.